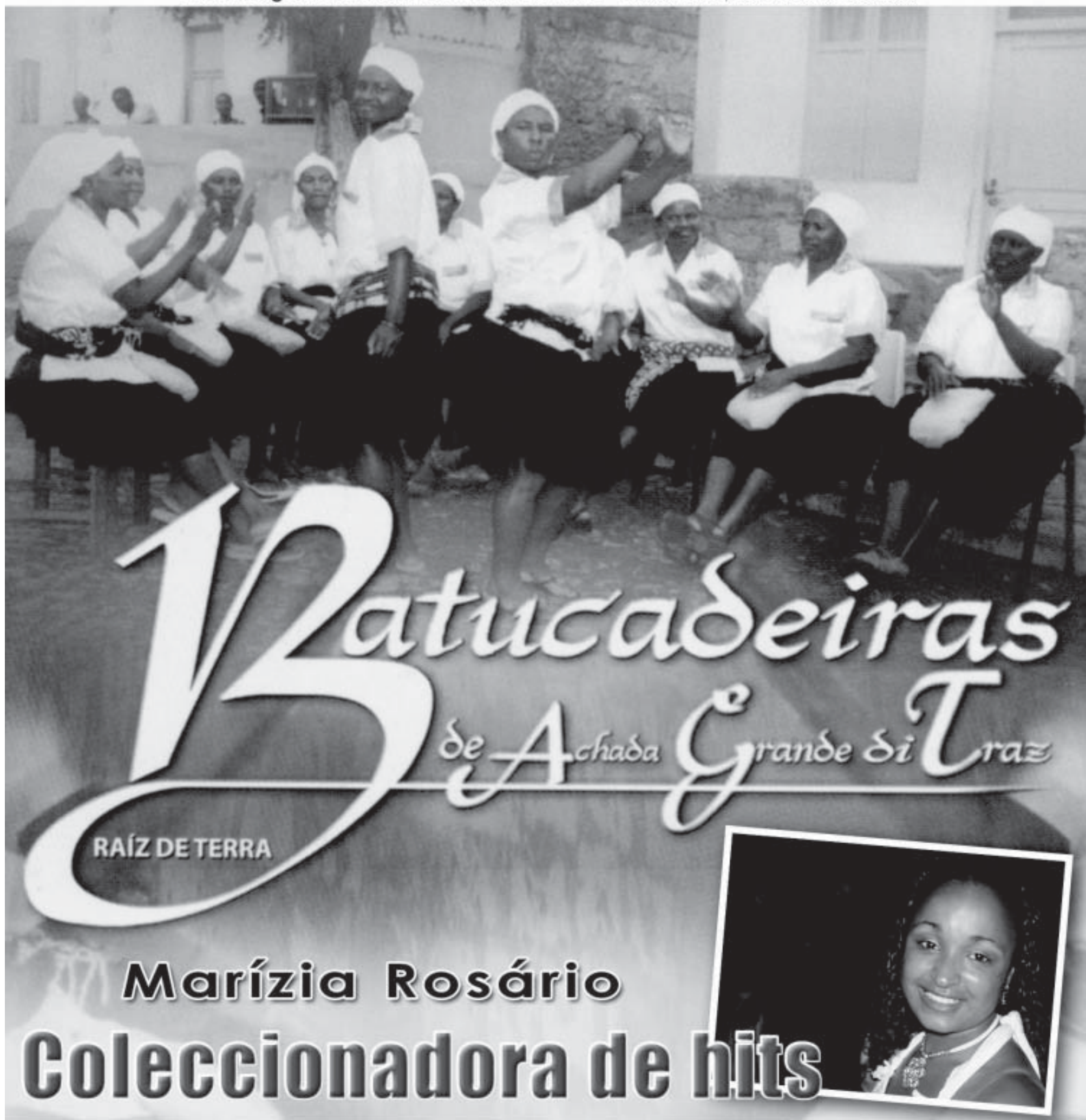




Kriolidadi

Parte integrante do Jornal A Semana nº 724 • Sexta-feira, 29 de Julho de 2005



Batucadeiras

de Achada Grande di Traz

RAÍZ DE TERRA

Marízia Rosário
Coleccionadora de hits



KRIOLIDADI

DELEGADA DA CULTURA DE S. VICENTE

Legislação atrapalha posse de JOSINA FREITAS

Legislação



Quatro meses depois de o seu nome ter sido anunciado para o cargo de delegada do Ministério da Cultura em São Vicente, Josina Freitas ainda não tomou posse, o que não só tem dado razão aos cépticos da ilha do Porto Grande que duvidam da promessa de Manuel Veiga, mas também tem alimentado a esperança daqueles que são contra a nomeação de Josina Freitas, “talvez não chegue lá”, dizem esses últimos. Abordado sobre esta questão por **Kriolidadi**, Manuel Veiga afirma que o atraso se deve à nova legislação sobre a equivalência dos cursos profissionais. Mas, ao que parece, o desenlace desta situação está também a esbarrar no PCCS do Ministério da Cultura.

Segundo o ministro da Cultura, “*Josina Freitas não foi empossada porque ainda não obteve a equivalência do seu curso profissional*”. Tal não aconteceu, segundo Manuel Veiga, porque “*de acordo com a nova lei, a atribuição de equivalência a cursos desse tipo já não é competência do Ministério da Educação, mas do Ministério do Trabalho e da Solidariedade, através do Instituto do Emprego e da Formação Profissional*”.

Acontece que o MTS ainda não criou a comissão que deve atribuir a equivalência. “*Vai ser emitido um despacho conjunto dos ministérios do Trabalho e da Solidariedade e da Educação e Valorização dos Recursos Humanos para criar esta comissão de equivalência, o que deverá acontecer ainda este mês*”, refere Manuel Veiga, sem avançar qualquer data para a posse da nova responsável da Cultura no Mindelo. Esta não será, no entanto, a única causa do atraso no empossa-

mento de Josina Freitas.

Os críticos da nomeação de Freitas afirmam que ela não pode ser nomeada para o cargo, que é equiparado ao de um director de serviço para todos os efeitos legais (conforme o artigo 14, nº 3, do Decreto-lei nº 2, de 24 de Fevereiro de 2003), por não ter formação superior. É que o Plano de Cargos, Carreiras e Salários (PCCS) do Ministério da Cultura (Decreto-Lei 86/92, de 16 de Julho de 1992) diz no seu artigo 39, número 1, que para o cargo de delegado devem ser nomeados indivíduos com formação superior (licenciatura).

No entanto, o artigo 2 do mesmo artigo 39 alarga a nomeação para o cargo de delegado a pessoas com curso superior, mas sem licenciatura, ou seja, os chamados cursos técnicos ou profissionais. Neste caso, o técnico deve ter, pelo menos, quatro anos de experiência. Requisito a que não responde Josina Freitas, uma recém-chegada ao país após formação no exterior. Manuel Veiga é entretanto categórico ao afirmar que “*estamos apenas à espera da equivalência*”.

“*Se dependesse de mim, Josina Freitas já estava a trabalhar desde o dia que a escolhi para exercer essa função*”, diz o MC, acrescentando que custou encontrar a pessoa indicada para o cargo. “*Bati em várias portas à procura de alguém que tivesse interesse, entusiasmo e gosto em trabalhar na Cultura, mas não encontrei*”. Até que, continua, algumas pessoas com influência em São Vicente indicaram-me a Josina Freitas, que apresenta boas referências quanto à sua capacidade e experiência em actividades culturais. TSF

Abraão Vicente e Raiz di Polon criam “O Trampolim”

“*O Trampolim*”. Eis a obra que o artista plástico e escritor Abraão Vicente, junto com a companhia de dança contemporânea Raiz di Polon, está, a preparar na Praia. A estreia da peça, que é baseada num livro homónimo de Abraão Vicente, ainda não publicado, deverá acontecer no final de Setembro, na capital cabo-verdiana.

Originalmente escrita em português, “*O Trampolim*” foi adaptado para o crioulo por Abraão Vicente, tendo em conta a realidade cultural e linguística de Cabo Verde. E cabe à Raiz di Polon e ao Grupo de Teatro do Centro Cultural Português da Praia, dar expressão, ritmo e alma à obra. É que esta, explica Abraão Vicente, “*é uma peça de teatro e dança*”.

“*Ainda estamos na fase de leitura, depois é que virão a representação e encenação*”, afirma Vicente, contando que “*O Trampolim tem personagens loucas, esquizofrénicas, pessoas que falam sozinhas e procuram romper o seu limite físico*”. Ou seja, continua, “*não se trata de uma peça no sentido*

tradicional, em que se conta uma história ao público”.

Abraão Vicente, que assim se estreia como encenador em Cabo Verde, confessa a sua grande esperança que “*O Trampolim*” seja a primeira experiência de um novo teatro na ilha de Santiago, “*no sentido de provocar as pessoas e levá-las a reflectir. Não conheço a realidade das outras ilhas, mas em Santiago precisamos fugir um pouco ao modelo de teatro baseado na narração e em que sempre esperamos que nos façam rir*”. Por isso, diz, “*escolhi trabalhar com o Raiz di Polon, que é o único grupo contemporâneo de Cabo Verde, isto é, que pega no tradicional e transforma-o em algo diferente, dentro do género teatro-dança*”.

Abraão Vicente é um artista cabo-verdiano a viver em Barcelona, onde reside há pouco mais de um ano. Antes, morou em Lisboa, onde estudou sociologia. Agora volta à sua cidade para ficar um tempo e fazer uma nova experimentação no domínio das artes cénicas. Conhecido do público praiense pela per-

sonalidade vibrante que impõe nas suas telas, Abraão agora quer mais uma vez Mudar, Provocar, Inovar e impor novos caminhos... Sim, no teatro também! Por isso, já planeia nova mudança, quando regressar para a Catalunha onde já desenvolve uma carreira individual. “*Em Barcelona, nós, artistas, temos a possibilidade de experimentar várias técnicas, desde o som à pintura convencional passando pela realização de vídeos*”, lança Abraão, um dos directores artísticos num centro de investigação para novas tendências artísticas, e que responde pelo nome de Miscelânea.

Com trabalhos expostos nas galerias GF Favre d'Art, em Barcelona, e Massimo do Carlo, Milão, Abraão vive completamente da arte, não só da pintura mas também vídeo e fotografia. E agora também de teatro na terra mãe “*para ganhar a vida, tens que fazer um pouco disso tudo. Neste momento é um pouco complicado encontrar um artista plástico que se define apenas como pintor*”, lança.

Teresa Sofia Fortes



Teatro

KRIOLIDADE

BATUCADEIRAS DE ACHADA GRANDE TRÁS ESTREIAM EM CD

“Raiz de terra” no Palácio da Cultura



As **Batucadeiras de Achada Grande di Trás** lançam o primeiro CD da sua carreira - “*Raiz de Terra*” - no próximo dia 5 de Agosto, no Palácio da Cultura Ildo Lobo. Um disco que fala das mulheres cabo-verdianas ao ritmo de um batuco puro, duro e nu, nascido da voz de 10 mulheres e de um poderoso bater de mãos em simples panos.

Ex-moradoras do extinto bairro de Taiti, zona da Várzea da Companhia, Alice Semedo, Domingas Brito, Inês Cabral, Domingas Vaz, Alcinda Brito, Fernanda Lopes, Filomena Semedo, Maria Pina, Inácia Correia e Gualdina Monteiro formaram o grupo **Batucadeiras de Achada Grande di Trás** depois que se mudaram para esse subúrbio da Praia, há quatro anos.

Convidadas para actuar nos eventos culturais da capital, nas suas mentes alimentavam um sonho maior: gravar um CD. Eis, então, que, depois de muita luta, chega ao mercado, com o selo da Harmonia e a direcção artística de Zeca di Nha Reinalda, o

tão almejado álbum - “*Raiz di Terra*”. São 10 composições, todas da autoria de Alice Semedo, que acabam por desembocar num único tema, a mulher cabo-verdiana.

“*A situação da mulher cabo-verdiana ainda é difícil, muitas são maltratadas pelos companheiros e sociedade. Por isso, através da música, procuramos denunciar tais situações, reivindicando ao mesmo tempo melhores condições de vida e tratamento*”, afirma Alice Semedo. São disso exemplo os títulos “*Nha Marido*”, “*Nu kre ser mudjer feliz*”, “*Mudjer cabo-verdiana ka ten skola*”.

Temas sérios, mas cantados com a alegria típica da mulher - que, como grande lutadora que é, não perde a esperança de um futuro melhor para si e os seus - e sem recurso a qualquer artifício tecnológico. É a voz, na sua total nudez, e as mãos, que no dia-a-dia cozinham, lavam e varrem, que criam o mundo musical das Batucadeiras de Achada Grande di Trás.

Teresa Sofia Fortes

Album

MARÍZIA DO ROSÁRIO

Coleccionadora de hits

Pouco se ouve falar dela, mas Marizia do Rosário é uma das artistas da vaga zouk que vem construindo uma carreira sólida, baseada em temas cuja poesia toca o coração, em arranjos elaborados com alguma sofisticação. “*Daily*”, o seu mais recente disco, é disso exemplo.

Criada na emigração, entre a Itália, Holanda e Luxemburgo, Marizia do Rosário estreou-se a solo com o álbum “*Desejo*”, em 1997. Na altura, deixou no ar a esperança de que algo melhor estava para acontecer nas suas lides musicais.

A confirmação chegaria dois anos depois com o CD “*Tão pequenin*”, cujos êxitos, dentre outros, foram o tema homónimo e “*Terra Franca*”, que retrata a história de uma certa emigração para a Europa.

Com “*Daily*” (2004), Marizia do Rosário revelase-ia uma cantora mais madura. Acompanhada por alguns dos seus artistas de sempre, Jorge do Rosário, Johnny Fonseca e Zé Delgado, é com sensibilidade de mãe que faz uma declaração de amor ao seu filho Dailon. Este é o tema de “*Daily*”. E em inglês canta “*Not in love with you*” enquanto irá falar dos efeitos da paixão em “*Cabeça no ar*”.

TSF



KRIOLIDADI

Agenda Cultural



Juventude em Marcha prossegue a sua digressão nacional. Depois de S. Antão, hoje, 29, o grupo encena no Eden Park, Mindelo, às 21 horas, as peças "Órfãos de Penedo" e "Preto no Branco".



O conjunto Rotcha Nu representa Cabo Verde no Sound Session, festival de música anualmente organizado em Providence. O grupo cabo-verdiano, que interpreta de preferência mornas e coladeiras, actuará no encerramento do evento, em cujo palco já actuaram Ron Carter e o grupo Bahamadia.



Susana Lubrano canta hoje, 29, às 22 horas, no Club Atlantis, em Paris. A actuação da diva pop cabo-verdiana insere-se no evento Soirée Filles que é promovido pelo Senhor do Zouk, Rubinel.



Teté Alinho estará em digressão pela Europa no próximo mês de Setembro. A tournée, que passará pela Itália, conta com a participação especial da companhia de dança contemporânea Raiz di Polon.



Gilyto estará em concerto no próximo dia 6 de Agosto, sábado, na região de Nice, França. O cantor vai apresentar o seu mais recente disco - "Diamante Africana" -, o terceiro da sua carreira a solo.



A Harmonia vai realizar, no próximo mês de Agosto, uma feira de música, no Mindelo, São Vicente. Além da venda de discos, do programa do evento constam concertos, o lançamento de álbuns de artistas produzidos pela editora cabo-verdiana e outras actividades ligadas ao mundo da música.



Primitive dá um espectáculo hoje, 29, no Palácio da Cultura, às 21h30. Um concerto alternativo deste grupo da Praia, formada em 2003, e que combina rock com os estilos tradicionais da música de Cabo Verde.

ORQUESTRA DE PONTE DE SOR TOCA NA R. GRANDE

A orquestra do município português de Ponte de Sor é uma das convidadas para animar a próxima edição do festival "Sete Sóis, Sete Luas" a realizar-se no mês de Novembro, no concelho da Ribeira Grande. Um evento cultural, organizado também em diversas regiões do "velho continente", que este ano passará a ser financiado por organismos da União Europeia.

O festival "Sete Sóis, Sete Luas" regressa à vila Ribeira Grande, ilha Santo Antão, depois de uma interrupção de dois anos devido a dificuldades da parte cabo-verdiana em compartilhar nas despesas de organização do evento. E já ficou as-

sente que a partir de agora o município da Ribeira Grande passa a suportar apenas a parte logística dos artistas e outros participantes, conforme o vereador do pelouro da cultura daquela autarquia santantonense, Arlindo Fortes.

Todas as outras despesas, concernentes a passagens, cachet dos músicos e outros, serão assumidas pela organização do festival, com o sustentáculo de fundos comunitários e dos organismos europeus que promovem o intercâmbio de culturas.

Para esta edição na Ribeira Grande, além da orquestra de Ponte de Sor, os promotores do evento contam trazer

artistas e músicos de outros municípios que anualmente recebem o "Sete Sóis, Sete Luas". Mas também pelo mesmo palco desfilarão artistas de Santo Antão, em grupos ou a solo Destaques: Homero Fonseca, o conjunto Nhô Kzik e provavelmente o Cordas do Sol.

Este é um festival que no essencial procura promover novos talentos e estilos diferentes de fazer música. Foi, ademais, nos palcos de uma das edições do "Sete Sóis, Sete Luas" na Ribeira Grande que o malgrado Orlando Pantera revelou ao grande público a sua excepcional capacidade criadora.

JAM



UM DOS POSSÍVEIS PARTICIPANTES NO FESTIVAL

KRIOLIDADI

MARIA DE BARROS

no Celebrating Brooklyn



Maria de Barros actua este domingo, 31, no Celebrating Brooklyn - 14th African Festival, que acontece este fim-de-semana na cidade de Nova York, Estados Unidos da América. A cantora cabo-verdiana é a única mulher e artista originária da África lusófona que participa neste mega-festival de Verão ao ar livre.

Fundado em 1979, Celebrating Brooklyn é um dos mais longos festivais de Verão de Nova York com entrada gratuita. Anualmente, cerca de 200 mil pessoas assistem a este evento que, além de ciclos de cinema ao ar livre, oferece feiras de gastronomia e espectáculos musicais de estreadas e veteranos dos quatro cantos do mundo.

Este ano, Maria de Barros junta-se a Papa Wemba (RD Congo), Gokh-Bi System (Senegal), Kakan-de e Alain Nkossi Konda (RD Con-

go) para levar os ritmos de África a nova-iorquinos e outros habitantes dos EUA que se deslocam propositadamente à Big Apple para assistir ao African Festival (um dos muitos eventos do programa deste ano do Celebrating Brooklyn).

Os compromissos da cantora cabo-verdiana nascida em Dacar e residente em Los Angeles (Califórnia, Estados Unidos da América) não ficam por aqui. Maria de Barros tem uma agenda cheia até à primeira quinzena de Outubro, o que confirma os seus créditos como personalidade da world music 2004, que lhe rendem a eleição, pela revista americana Essence.

Todos os Cantos do Mundo

Já no próximo dia 6 de Agosto, Maria de Barros actua no auditório

da Universidade de Sacramento, no estado da Califórnia. Um dia depois a intérprete de "Nha Mundo" participa no Stern Grove Festival, na famosa cidade de São Francisco. O último concerto desse mês nas terras do Tio Sam é no Onset Music Festival, no dia 13, em Massachusetts. Mas no dia 27, Maria de Barros é uma das cantoras do Wiesen Festival, na Áustria.

O Festival Todos os Cantos do Mundo, que acontece entre 15 e 22 de Setembro, em São Paulo (Brasil) é o grande concerto do mês para Maria de Barros. Antes, no dia 2, a cantora crioula canta no Joe's Club, em Nova York, para depois, no dia 24, participar no Toronto Jazz Festival. O último compromisso da agenda está marcado para o dia 15 de Outubro, em Guadalupe, nas Antilhas Francesas.

Teresa Sofia Fortes

FAIAL PROMETE SUCESSO

Adelino Faial Fonseca, ou simplesmente Faial, 28 anos, prepara-se para lançar o seu primeiro trabalho discográfico. Este é também a primeira obra de um artista cabo-verdiano que traz a assinatura da SAMTE Produções. A editora discográfica pertence a Samuel Silva, músico brasileiro radicado na ilha do Sal. Este professor e maestro, além de produtor, pretende dar a conhecer ao público brasileiro, não só o seu pupilo Faial mas também outros intérpretes das ilhas. O álbum será gravado no início de Setembro no Brasil.

Músico ainda desconhecido da praça nacional, mas já com algum percurso no seio musical da ilha do aeroporto, membro do grupo local Harmonia, com algumas actuações regulares em casas nocturnas, este jovem natural de Santo Antão residente no Sal, é uma aposta de Samuel Silva, que "irá surpreender Cabo Verde", garante o produtor.

As oito faixas do projecto, ainda sem nome,

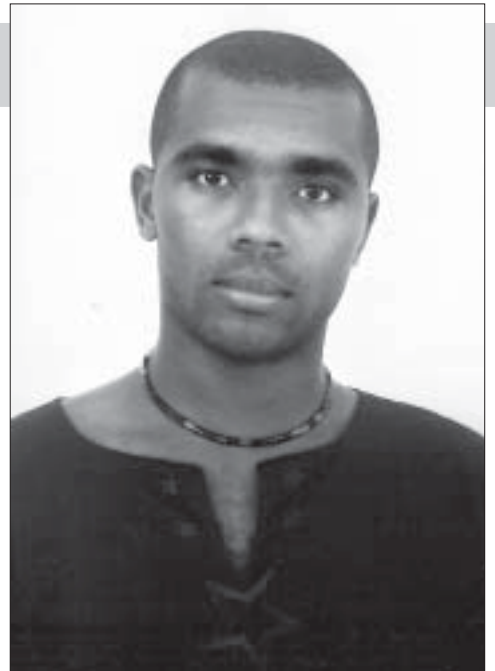
como Faial faz questão de frisar, são todas assinadas por Samuel Silva e "coadjuvadas" por ele. "Será com certeza, um álbum com mensagens leves, em que além de temas sociais do nosso quotidiano, sobressai principalmente, mensagem de amor e união entre crianças, jovens, adultos e idosos numa sã convivência. "Queremos também, criar uma forma de uma crítica social, para que o povo e não, só, também algumas pessoas de "cabeça grande", possam nos ouvir e que possamos mostrar toda a riqueza e humildade de Cabo Verde", explica Faial.

"Quanto às variedades musicais, estas vão desde a morna, a coladeira, o batuque, a cola São João", ao "reggae e claro, um pouco de bossa nova e também um bolero", acrescenta Samuel Silva "tudo misturado em uma coisa só". Afinal, como ele mesmo explica, é "a visão de um maestro brasileiro sobre não só a música cabo-verdiana", mas também os outros ritmos aqui ouvidos.

Confiante na qualidade do trabalho, a SAMTE Produções promove já contactos, de acordo com Silva, para uma tournée de Faial em palcos canarinhos, no segundo semestre do próximo ano. "Tenho já contactos para que ele abra os shows de alguns artistas de fama brasileiros, como André Leone, Fágner, Netinhos e alguns grupos de Samba..." afirma o produtor. Tudo parte de uma estratégia para promover, no dizer de Samuel Silva, um intercâmbio maior entre os dois países, já que a música de Cabo Verde, "fora a Cesária Évora, é pouco conhecida". E porque, segundo Silva, outros poderão seguir Faial, já é tempo de lançar o cantor, que é uma grande promessa.

O lançamento do álbum está previsto para o primeiro semestre do ano que vem, em Cabo Verde e só depois, no segundo semestre do mesmo ano, Faial sairá em digressão para o Brasil.

Kaunda Simas



Música

CELESTINO E DJ LEX APRESENTAM

"Cel'ex - Original Concept"

"Cel'ex - Original Concept" é o título do single produzido pelo franco-cabo-verdiano DJ Lex em parceria com o cantor Celestino que chega agora ao mercado nacional, vindo directamente da Europa. São quatro músicas e um videoclip (DVD) que, ao ritmo da batida do hip hop e r&b, contam histórias contemporâneas do relacionamento entre homens e mulheres cabo-verdianos.

Nascido em França e baptizado David Fernandes pelos seus pais cabo-verdianos (naturais da ilha Brava), DJ Lex afirma que sempre quis fazer um disco de hip hop depois de experiências em outros domínios, como a produção de videoclips de artistas cabo-verdianos, entre eles Celestino (ex-Jocel). Então, conta, "quando soube que o Celestino queria fazer um trabalho diferente do que tem feito até agora, convidei-o para realizarmos este single".

E depois da estreia na Europa, Dj Lex,

que é técnico em grafismo e vídeo e dono de um estúdio de filmagem em Marselha (Experience 2), decidiu vir a Cabo Verde mostrar o seu trabalho aos conterrâneos dos seus pais. "É a primeira vez que venho a Cabo Verde. E quero não só conhecer como também mostrar o Original Concept aos jovens cabo-verdianos, para saber se gostam mesmo de hip hop", afirma DJ Lex, já convencido que as novas gerações são fãs desse estilo originário dos Estados Unidos.

Aos que têm uma má imagem do hip hop, DJ Lex, que prevê lançar em Agosto um DVD com 12 clips e uma reportagem sobre o modo tradicional de produção do grogue de Santo Antão, explica que "Original Concept não é do estilo hardcore, ou seja, não fala de violência e outros assuntos negativos. As composições, que foram escritas por Celestino em colaboração comigo, Rui, Altura, Danso, Smokey-Mo, Stê e Aristides Fernan-

des, (meu irmão), apenas retratam as relações entre homens e mulheres".

Mas o interesse de David Fernandes por Cabo Verde não fica por aqui. O jovem gráfico quer regressar para produzir mais reportagens sobre o arquipélago. "Estou interessado em filmar as coisas típicas de Cabo Verde para mostrar lá fora. Tal como já fiz uma reportagem sobre como se faz o grogue, pretendo produzir reportagens sobre o café, mel, peixe e tantos outros produtos", afirma David Fernandes, que se diz positivamente surpreendido com a evolução do país.

"Eu imaginava Cabo Verde um país muito pobre, mas vejo que há boas infra-estruturas, transportes diversos, boas habitações, trabalho. É um país que está se desenvolvendo bem. E vou mostrar isso quando chegar em França", afiança.

Teresa Sofia Fortes





POR: VOGINHA

Recordando os mestres II - TIO MENDONÇA

É uma composição da minha autoria que estou utilizando como um item para recordar a obra feita e deixada por alguns dos nossos mestres. Assim, tenho a honra de falar do meu tio Mendonça, cujo nome eu atribuí à minha escola de aprendizagem de violão, situada em minha casa, no Alto Cruz João Évora, no sentido de criar espaço para uma relação dos jovens com o seu/nosso património musical.

Clemente Fortes Brito, seu nome de baptismo - Mendonça é o nome pelo qual era conhecido entre os familiares e amigos - foi um bom homem e um bom músico, que homenagei quando fiz o "Dôs", em duo com o Vasco Martins. Na verdade, quem teve o privilégio de conhecê-lo, os seus contemporâneos do tempo que viveu em Cabo Verde, confirmarão melhor do que ninguém a veracidade da afirmação que faço.

Meu tio foi marítimo e exerceu a profissão de contramestre e capitão, respectivamente, nos veleiros Ernestina e Manelica que, na época, faziam viagens entre as ilhas. Mas, para além desta faceta de homem do mar, completava-o o outro lado divino da vida - a música. Aliás, um dom hereditário da nossa família que o tio Mendonça, com os seus dotes, não deixou em mãos alheias, evidenciando-se na área de acompanhamento.

Ao contrário do irmão Tazinho, uma referência obrigatória como solista, Mendonça notabilizou-se como exímio acompanhador do violão tradicional e uma voz sublime a cantar mornas. Que o digam as pessoas que tiveram a oportunidade de privar com ele nas belas tocatinas que tinham lugar quando os veleiros ancoravam nos portos das ilhas do Atlântico.

Ele tratava os bordões (as cordas mais graves do violão) por "tu", como diziam os mais velhos. É de lamentar não haver registos sonoros que ilustrem essa forma genuína de acompanhamento, com tendência para desaparecer. Salvo erro, o único documento que testemunha, ainda que superficialmente, o acompanhamento dele, é o disco "Peace, Love & Unity", editado pela Lusáfrica, em 1990.

Nos finais da década de 1970, tio Mendonça deixou Cabo Verde para fixar residência com a família nos Estados Unidos da América, onde viveu até falecer, a 12 de Julho de 1995. Volvidos dez anos após a sua morte, não queria deixar passar despercebida a efeméride, ainda que tardia.

Difícil é falar de alguém que já desapareceu, no entanto penso que toda e qualquer informação, por mais pequena que seja, deve ser dada com objectividade e ser historicamente relevante.

FIM

O PINCEL DANELA: IMAGO EM 2 A4



Opinião

Entre outras necessidades básicas na vida de uma criatura, existe a necessidade da auto-realização onde a pessoa ou as pessoas lutam por conseguir objectivos, desenvolver seus potenciais e alcançar seus ideais.

Sabendo nós que a motivação é um estado íntimo, que pode ser o fruto de uma necessidade que, em geral, se dirige à satisfação de um desafio ou de uma necessidade, não-de consentir se disser que a linguagem intimista duma obra de arte é uma necessidade da alma de quem lhe dá origem.

Quem conheça bem a autora das obras recentemente exibidas no Salão de Arte do Palácio da Cultura "Ildo Lobo" não recusará afirmar que presenciámos a necessidade de um desabafo com raízes num desafio típico de quem tinha algo mais para mostrar e ser transmitido, sendo tal amostragem a aposta de um jovem talento querendo ir mais além. Todavia, fomos chamados a conviver com as cores das diferentes leituras que a artista tem de si própria e do mundo à sua volta, a avaliar o que valem e significam os seus momentos de retiro na gaveta onde jaz e se renova, tal qual o sol, que se põe, para sempre outro aparecer a arejar os nossos sentires, aliás, a arte de cultivar a arte exige luz e ausência, impõe movimento, ritmo e rupturas sensatas, mesmo quando a mão do artista parece ser repetitiva. Mas, o que importa é o artista saber olhar bem para dentro e para fora de si, voar e criar com entu-

siasmo os lados da sua própria gaveta.

Nela Barbosa, é uma jovem do interior desta ilha (Santiago), nascida na Vila de Pedra Badejo, no sítio de Salina, e a casa onde nasceu tem, ao pé, a Praia Grande de areia negra a contrastar a mancha acastanhada do lodo da lagoa deixada pelas cheias, o vegetal seco e o verde florido da sementeira e ainda as cores volúveis do mar a espumar nas penedias, sendo, estas, para mim, as bases do universo primário desta artista plástica santiaguense.

Os quadros mais expressivos deixam-nos a sensação de que existe uma certa onda inquietante a oscilar a mão silenciosa do pincel que, entre a timidez e a liberdade de criar, procura investir na sua própria passagem para outras margens, deixando em cada retoque os contornos do estado do mundo movente da sua razão sentinte.

Apreciar os arranjos por ela conseguidos é ler e decifrar o que se esconde por detrás da combinação das diversas tonalidades colhidas, por exemplo, na fruta madura, no claro da espuma, no verde seco, no castanho da terra, no azul do mar e noutros tons ditados pelo olho do improviso, cores que tentam impor ordem a um certo desalinho emergente das inquietudes da artista, operando em silêncio, conjugando a paisagem interior com a arrogância da realidade ambiental vivida pela artista, denunciando evidências num elevado grau de perspicácia e autenticidade.

Nela Barbosa, enquanto artista, tende a ser o produto da conjugação entre a paisagem campesina fortemente em si retida e o cenário urbano actualmente captado, processo em caldeação na sua alma de artista, que na devida ocasião dará lugar ao aparecimento das bases sólidas em que se assentam os conceitos, a atitude, a conduta e a feição, factores consolidativos de um estilo que já prima pela obtenção de uma identidade própria.

Se as obras de Nela Barbosa, algumas, têm a ver com algo doméstico mais ou menos atraente, quer dizer retalhos claros ou disfarçados do mundo que a rodeia, quadros de fácil leitura, outras, opostamente, espelham o condizente com o estado interior da artista nos seus lances de profundo retiro, já que o disforme costuma reflectir com muito mais rigor os instantes de maior elevação da mão criadora. Todos os quadros têm vida e significação próprias, têm estética e boa qualidade, além disso, revelam um certo sentido de busca da identificação plena da artista com a sua própria criação, evidenciando um certo desassossego de quem procura realizar a chamada obra-prima, sonho que a servir de alavanca incitadora levá-la a graus mais elevados de execução.

Os meus parabéns, o meu respeito e o meu apoio absoluto. Escuta!

A braveza luz. A bulha é o covil secreto dos burlões.

Kaká Barboza

CERTAME MACARONÉSICO PARA JOVENS ARTISTAS 2005

Artur Marçal é primeiro prémio em escultura

Ademar Spencer prepara estreia



Artur Marçal, 23 anos, natural de Santo Antão é vencedor, ex-aequo com Diego Peixoto, da ilha de S. Miguel (Açores), do prémio de escultura do Certame Macaronésico para Jovens Artistas 2005. A obra que lhe valeu a vitória, "Monstro", traduz a preocupação do jovem autor quanto à actual tendência hegemónica de certos poderes, no plano internacional.

"Estou sem palavras", afirmou Artur Marçal ao receber de Leão Lopes, do Atelier Mar (entidade que dirigiu o concurso em Cabo Verde) a notícia de que saíra vencedor. Tímido, mas de olhar brilhante de satisfação, o escultor lá foi dizendo que estava feliz: "o sentimento é de alegria e satisfação, pois é a primeira vez que me candidato a um concurso deste género e ganho logo na estreia. Mas nada disso seria possível sem o apoio dos professores, monitores e colegas da Escola Internacional de Artes do Mindelo, onde estudo", reconhece.

Filho de um carpinteiro-marceneiro, Artur Marçal desde cedo aprendeu a criar objectos novos a partir de pedaços de madeira, tendo participado com alguns deles em exposições na sua ilha natal. A sua matéria-prima de eleição passou a ser a pedra desde que participou numa oficina promovida pelo Atelier Mar. "Prefiro a pedra porque é um material que além de existir em abundância em Cabo Verde, permite fazer muita coisa", explica o escultor que já sabe o destino a dar aos euros do prémio.

"Vou investi-los na minha formação e na aquisição de algum equipamento para trabalhar a pedra", afiança Artur Marçal, que verá o seu trabalho exposto numa amostra que será promovida pelo Cabildo de Lanzarote, em lugar a designar no futuro, com todas as obras vencedoras do Certame Macaronésico para

Jovens Artistas 2005. Quanto a exposições individuais, o jovem Marçal afirma que ainda é cedo. "Tenho muito que aprender. Além disso, uma exposição exige preparação, tempo e trabalho árduo, de modo a poder apresentar obras de qualidade".

Surpreendente participação cabo-verdiana

Artur Marçal é um dos 19 concorrentes cabo-verdianos do Certame Macaronésico para Jovens Artistas 2005. Esse número, que inclui candidaturas nas áreas de fotografia, música pop, rock e electrónica, desenho, design gráfico, escultura, conto e poesia, surpreendeu o Atelier Mar porque, segundo Leão Lopes, "não só é a primeira vez que Cabo Verde participa no evento como também o nosso país, ainda sem estabelecimentos de formação de jovens na área artística, conseguiu ter uma grande participação".

Mas a satisfação do Atelier Mar, que elegeu esse concurso como a sua actividade para celebrar o 30º aniversário da independência nacional, vai mais além. De acordo com Leão Lopes, "Cabo Verde esteve representado nos júris por Filomena Alves Lima, para o audiovisual, Ivete Henriques, para as artes plásticas, Margarida Martins, para a música e Dina Salústio, para a área de literatura. A experiência adquirida por elas poderá nos ajudar a preparar melhor a participação futura de Cabo Verde nesse evento.

Margarida Martins deverá regressar às Canárias em Outubro, para assistir ao concerto dos candidatos da área de pop-rock, no final do qual será eleito o vencedor. Os premiados das áreas de conto, poesia e guião para curta-metragem só serão conhecidos em Setembro.

Teresa Sofia Fortes

Aos 31 anos, Ademar Spencer prepara a sua estreia no mundo das artes plásticas, a nível individual, com uma exposição que terá lugar em Setembro, na Alliance Française do Mindelo. À mostra vão estar quadros em que o colorido e estilo realista falam da vivência de Ademar Spencer no continente africano, durante a infância e parte da adolescência.

Natural de São Vicente, Ademar Spencer foi viver com os pais para o Gabão, tinha três anos de idade. Naquele país da África Negra, Spencer viveu 10 anos, os quais se revelariam decisivos para a sua entrada no mundo das artes plásticas. "Primeiro estudei na École Mixte, onde aprendi a fazer serigrafia com marcador permanente em roupas", lembra Ademar. Mais tarde, continua, "mudei-me para a escola católica de Saint Louis. Ali, ensinaram-me a criar quadros em folhas de madeira pintados a lápis de cor".

Ao regressar a Cabo Verde, Ademar Spencer tornou-se aprendiz de dois dos mais emblemáticos pintores naïfs de São Vicente: Bitú e Manú Rasta. "Foi pouco tempo, mas deu para aprender muita coisa, por exemplo, a misturar tintas, algo muito importante na hora de conseguir uma determinada tonalidade", afirma Spencer, que segue uma carreira no domínio das artes gráficas (letrados, painéis de publicidade, etc) desde 1995.

Agora, depois de duas experiências de exposição colectiva, Ademar Spencer, que nunca frequentou escolas de artes plásticas, prepara a sua estreia a solo, com uma mostra em que estas ilhas e o continente dão os temas dominantes. "Prefiro pintar Cabo Verde, que é a minha terra, e a África, nomeadamente Costa do Marfim e Gabão, onde vivi. Afinal ambos, continente e arquipélago, têm paisagens naturais e humanas maravilhosas", afiança.

TSF

Escultura

C I N E M A

"A Guerra das Estrelas" - PRAIA

Numa galáxia distante, um grupo de rebeldes ligados à princesa Leia Organa luta para reaver o trono usurpado pelas forças do mal, lideradas pelo temível carrasco Darth Vader. Um clássico, ainda que "passado" no futuro. Um histórico, pela densidade do conjunto (personagens, enredo, som...). Uma peça de pedagogia!



"Sahara" - MINDELO

Dirk Pitt embarca na aventura da sua vida, partindo em busca de um tesouro pelas mais perigosas regiões do Norte de África. À procura do mítico 'Navio da Morte', naufragado durante a Guerra Civil Americana e que trazia a bordo uma carga secreta, Pitt e o seu engenhoso companheiro Al Giordino acabam por ajudar Eva Rojas. Esta é uma bela e brilhante médica que está convicta de que aquele navio poderá esconder algo mais que um tesouro... É o regressar do cinema de aventuras quando o género já ameaçava cair no esquecimento geral.



"O Aviador" - BAIRRO

Herdeiro de uma grande fortuna, o jovem Howard Hughes, apaixonado pela aviação e decidido a criar nome na indústria cinematográfica, produz de forma extravagante e hiper-perfeccionista o famoso épico de guerra "Os Anjos do Inferno". O prolongamento das rodagens ao longo de três anos e a forma inconsequente como investe dinheiro nesta megalomania cinéfila granjeiam-lhe fama na comunidade artística de Hollywood.



"Reino dos Céus" - SAL

Balian, jovem ferreiro, está mergulhado na dor pela morte da sua mulher e filho, quando é procurado por Godfrey de Ibelin. Este conceituado nobre do reino de Jerusalém, profundamente comprometido em manter a paz na Terra Santa, confessa-lhe ser seu pai. Balian, ao encontrar de modo tão inesperado o pai desconhecido, sente-se renascer e reúne-se a Godfrey na sua sagrada missão.